

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): MARIA DA PENHA BORGES DE OLIVEIRA VICENTE

Estratégias de Aprendizagem Cognitivas Utilizadas por Alunos do Curso de Agronomia

Introdução

A capacidade de aprender é uma das habilidades mais relevantes do ser humano (Boruchovitch, 2010), é “pois ela aprendizagem que o homem se afirma como ser racional, forma sua personalidade e se prepara para o papel que lhe cabe no seio da sociedade” (CAMPOS, 1986, p. 16 *apud* LA ROSA, 2003, p. 30), e com o crescente fluxo de informação e produção de conhecimento nos últimos anos, faz-se necessário que as pessoas sejam cada vez mais ágeis e hábeis na seleção daquilo que é relevante e consiga fazer associações significativas. Todavia, mesmo no ensino superior, nota-se que muitos ainda não conseguem filtrar o que é importante e necessário, o que torna a aprendizagem árdua, provocando a desmotivação, a falta de perspectiva e até abandono do curso.

Conforme a literatura, uma alternativa com a finalidade de potencializar a aprendizagem e melhorar o desempenho é o uso de estratégias, visto que elas são ferramentas que auxiliam na aprendizagem e cabe a cada um escolher aquela que melhor se adéqua a determinadas situações. Conforme Boruchovitch (1999), as estratégias de aprendizagem são cognitivas, que se referem à percepção, ao modo com que o estudante organiza, armazena e elabora as informações; ou metacognitivas, que estão relacionadas ao planejamento, monitoramento e regulação do próprio pensamento.

Assim, o objetivo desta pesquisa foi identificar e comparar as estratégias de aprendizagem cognitivas dos acadêmicos matriculados em regime de dependência ou no décimo período do curso de Agronomia sem nenhuma reprovação até o primeiro semestre de 2016.

Material e métodos

A pesquisa foi realizada com 15 alunos do curso de Agronomia de uma Instituição Pública de Ensino Superior, do Estado de Minas Gerais. Os acadêmicos foram classificados em Grupo 1 (G1), com 08 acadêmicos do sexo feminino e 04 do sexo masculino que estavam matriculados em regime de dependência; e Grupo 2 (G2), com 02 acadêmicos do sexo feminino e 01 do sexo masculino matriculados no décimo período sem terem sido reprovados em qualquer disciplina no decorrer do curso até o 1º semestre de 2016.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa se constituíram de: solicitação à coordenação do curso para realização da pesquisa, conversa com os acadêmicos e envio de *link* para os respectivos emails, para preencherem o formulário, constando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o questionário sobre as estratégias de aprendizagem.

Como instrumento, foi utilizada a escala de Estratégias de Aprendizagem Cognitivas e Metacognitivas adaptada de Santos e Boruchovitch (2001) citada por Muneiro (2008), do tipo escala de *Likert*, com as seguintes categorias: nunca; raramente; às vezes; sempre. Os itens da escala do presente estudo que compreendem as estratégias cognitivas são os de número 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 18, 23.

Os dados foram analisados com base nas respostas objetivas dadas pelos acadêmicos, sendo representados por meio de frequência relativa.

Resultados e discussão

Para as estratégias cognitivas de aprendizagem de números 1, 2, 6 e 10 (Gráficos 1 e 2), o Grupo 1 (G1), 1 “Repetir as informações oralmente na medida que vai lendo o texto”, oito alunos (66,66 %) responderam “às vezes”, e quatro (33,33%) “sempre”. Já no Grupo 2 (G2), um (33,33%) respondeu “raramente”; um (33,33 %), “às vezes” e um (33,33%), “sempre”.

Na estratégia 2, “Anotar na íntegra as explicações do professor”, no G1 um (8,33%) aluno respondeu “nunca”, dois (16,66%) “raramente”; cinco (41,66%) “às vezes”, e quatro (33,33%) “sempre”. No G2, um aluno (33,33%) marcou “raramente” e dois (66,66%) assinalaram “sempre”.

Quanto à questão 6 “Fazer anotações no texto ou em folha à parte”, no G1, um aluno (8,33%) respondeu “raramente”; cinco (41,66%), responderam “às vezes”, e seis (50%), “sempre”. No G2, um aluno (33,33 %) marcou “às vezes”, e dois (66,66%) assinalaram “sempre”.



Em relação ao item 10 “Elaborar perguntas e respostas sobre o assunto estudado”, no G1, um aluno (8,33%) respondeu “nunca”, três (25%) assinalaram “raramente”; quatro (33,33%), “às vezes”, e quatro (33,33%) “sempre”. No G2, um (33,33 %) respondeu “raramente” e dois (66,66%) “às vezes”.

Desse modo, verificou-se que essas estratégias são, de modo geral, bastante utilizadas tanto pelos acadêmicos em regime de dependência quanto pelos graduandos. No entanto, o fato de se ter registro das alternativas “nunca” e “raramente” sugere que alguns alunos precisam de um auxílio, pois são estratégias mais simples, mas que são adotadas. Muneiro (2008), ao citar Leite (1997) e Rodrigues (1999), diz que alunos brasileiros utilizam com maior frequência estratégias de pouca complexidade.

Para as questões 4, 5, 7, 8 e 23 (Gráficos 1 e 2), constatou-se que para a 4 “Resumir os textos indicados para estudo”, no G1 quatro alunos (33,33%) responderam “raramente”; três (25%) “às vezes”, e cinco (41,66%) “sempre”. Já no G2, dois alunos (66,66 %) assinalaram “às vezes” e um (33,33%) “sempre”. Para o item 7 “Escrever com as próprias palavras o que entendeu do texto”, no G1 um (8,33%) aluno respondeu “raramente”; sete (58,33%) marcaram “às vezes”, e quatro (33,33%) “sempre”. Por sua vez, no G2 um (33,33%) assinalou “raramente”, um (33,33%) “às vezes” e um (33,33%) “sempre”. Tanto a estratégia 4 quanto a 7 exigem um bom entendimento do conteúdo estudado. Os acadêmicos assinalaram, na maioria, “às vezes” e “sempre”, porém, a pesquisa não revela se os textos elaborados por esses alunos realmente atingem o objetivo do gênero textual.

Quanto à questão 5 “Ler os textos indicados pelo professor”, no G1, um aluno (8,33%) respondeu “nunca”, um (8,33%) “raramente”; quatro (33,33%) “às vezes”, e seis (50%) “sempre”. No G2, um (33,33%) assinalou “às vezes” e dois (66,66%) “sempre”. Para a 8 “Ler textos complementares, além dos indicados pelo professor”, no G1 um (8,33%) aluno marcou “nunca”, três (25%) “raramente”; oito (66,66%) “às vezes”. Já no G2, um (33,33 %) assinalou “raramente”, e dois (66,66%) “às vezes”. No item 23 “Recorrer a outros textos e livros sobre o assunto” três (25%) alunos do G1 responderam “raramente” e nove (75%), “às vezes”. No G2, os três acadêmicos (100%) assinalaram “às vezes”. Pelas respostas às questões 5, 8 e 23, percebe-se que os alunos não possuem tanto interesse em aprofundar nos conteúdos estudados em sala, sugerindo também baixa motivação intrínseca. Segundo Muneiro (2008), a motivação intrínseca impulsiona o estudante a planejar o estudo visando a aprender e a fazer uso de estratégias de aprendizagem de elaboração e organização.

Nas questões 11, 13, 14, 18 (Gráficos 1 e 2), para a 11 “Selecionar as ideias principais do texto”, quatro (33,33%) alunos do G1 responderam “raramente”; dois (16,66%) “às vezes”, e seis (50%) “sempre”. Enquanto que no G2, os três acadêmicos (100%) marcaram “sempre”.

A estratégia 14 “Identificar as ideias principais e relacioná-las por meio de diagramas ou mapas mentais” foi marcada por dois (16,66%) alunos, no G1, com “nunca”, três (25%) “raramente”; cinco (41,66%) “às vezes”, e dois (16,66%) “sempre”. No G2 um (33,33%) respondeu “raramente”; um (33,33%) “às vezes”, e um (33,33%) “sempre”.

O termo “selecionar” sugere que a idéia principal está expressa no texto. Todavia, sabe-se que a idéia principal, muitas vezes é inferida e não se encontra expressa. Assim, apesar do alto percentual na utilização dessa estratégia, não se pode afirmar que o percentual de inferência seja o mesmo. Além do mais, quando se analisa as respostas da estratégia 14 (identificar e relacionar as ideias principais), nota-se que o percentual diminuiu para os dois grupos.

Quanto ao item 13 “Analisar gráficos e tabelas que encontra nos textos”, no G1 três (25%) alunos assinalaram “raramente”; seis (50%) “às vezes”, e três (25%) “sempre”. Por sua vez, no G2 os três alunos (100%) responderam “sempre”.

Dessa forma, constata-se dificuldade dos alunos, pois no curso de Agronomia, que é um curso de Engenharia, a análise de gráficos e tabelas é fundamental, desde o primeiro período.

No item 18 “Procurar no dicionário o significado de palavras desconhecidas”, no G1, três (25%) alunos responderam “nunca”, um (8,33%) “raramente”; dois (16,66%) “às vezes”, e seis (50%) “sempre”. No G2, um (33,33%) assinalou “às vezes” e dois (66,66%) “sempre”. Com relação a essa estratégia, Muneiro (2008) reportou que há influência da área do conhecimento, visto que nos cursos com vocabulários muito técnicos e que exigem muito raciocínio lógico, os acadêmicos tendem a utilizá-la com menor frequência.

Considerações finais

Os acadêmicos matriculados em regime de dependência possuem um repertório menor de estratégias de aprendizagem cognitivas do que os concluintes que não tiveram reprovação no decorrer de todo o curso.

Alunos ainda no Ensino Superior precisam de um auxílio para aprender estratégias para facilitar o armazenamento e a recuperação de informação.



Agradecimentos

À Universidade Católica de Brasília; aos acadêmicos e professores que contribuíram para a pesquisa.

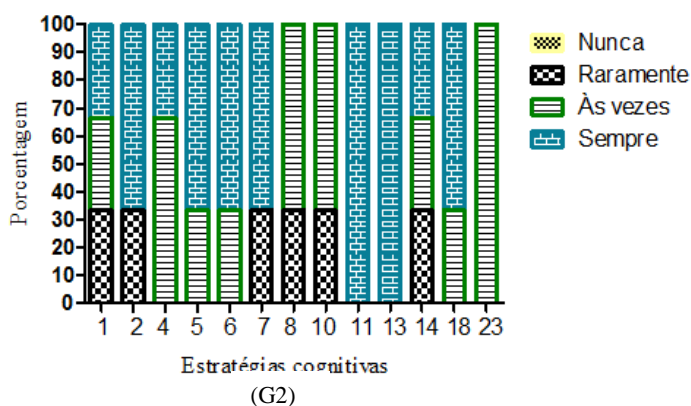
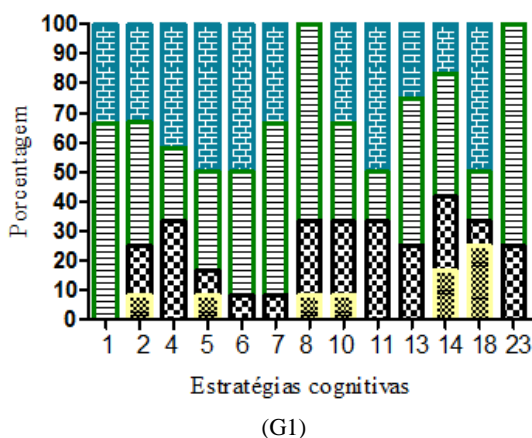
Referências bibliográficas

BORUCHOVITCH, E. Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. Psicologia: **Reflexão e Crítica**, v.12, n. 2, p. 361-376, 1999.

BORUCHOVITCH, E. A auto-regulação da aprendizagem e a escolarização inicial. Em E. Boruchovitch, & J.A. Bzuneck (Orgs.), *Aprendizagem: Processos Psicológicos e o Contexto Social na Escola* (pp. 55-88). Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2ª edição. 2010.

LA ROSA, J. **Psicologia e Educação**: O significado do aprender. 7. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 230 p.

MUNEIRO, M. de L. **Estratégias de Aprendizagem de Alunos do Ensino superior**. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2008. 144 p.



Gráficos 1 e 2. Frequência relativa de estratégias cognitivas utilizadas pelos acadêmicos do curso de Agronomia de uma Instituição Pública de Ensino Superior, do Estado de Minas Gerais. Grupo 1 (G1), Acadêmicos matriculados em regime de dependência; e Grupo 2 (G2), acadêmicos matriculados no décimo período sem terem sido reprovados em qualquer disciplina no decorrer do curso até o 1º semestre de 2016.